



## ARRIGO

Marly Vianna

Marcelo Ridenti é um brilhante sociólogo cujas obras já são clássicas, como, por exemplo, *O fantasma da revolução brasileira*, entre tantas outras. Seu atual livro, *ARRIGO*, não acadêmico pelas normas da Academia, é, na verdade, um livro de História do Brasil, história romanceada, mas que demandou ampla pesquisa em arquivos, livros e entrevistas.

Arrigo é uma incursão pela História do Brasil de 1917 ao final do século, ou melhor, é uma história das lutas progressistas e democráticas do Brasil, de seus atores anarquistas, democratas e principalmente comunistas, suas lutas, seus ideais, suas esperanças e a brutal repressão a que foram submetidos, da Clevelândia de Artur Bernardes aos porões da ditadura militar de 1964. Nem por isso desistiram. E tais lutas não ficaram limitadas ao Brasil. As personagens do livro, assim como na vida real, lutaram contra a reação da extrema direita e do nazifascismo não só contra o integralismo no Brasil, mas em defesa da República Espanhola, nas guerrilhas contra os nazistas que ocuparam a França, durante a Segunda Guerra Mundial, tendo papel fundamental na sua libertação; lutaram também em defesa da então União Soviética, do país que acabou com o capitalismo em seu território.

Para romancear estas lutas, Marcelo Ridenti criou uma personagem, Arrigo, que, mantendo alguma autonomia que o gênero romance permite, incorpora inúmeros heróis das lutas progressistas travadas pelos comunistas brasileiros. Arrigo é Apolônio de Carvalho – em sua luta democrática na Aliança Nacional Libertadora, em 1935; na defesa da República, na Guerra Civil Espanhola; na luta guerrilheira pela libertação do Sul da França da dominação nazista, na prisão e tortura sofridas depois do golpe de 1964, na libertação dos cárceres da ditadura em troca do embaixador alemão em 1970 e em seu exílio na Argélia. Arrigo é Jacob Gorender que, clandestino, escrevia brilhantes capítulos para coleções importantes - com pseudônimo, claro... Arrigo talvez seja Armênio Guedes, trabalhando como jornalista, depois da volta do exílio. Arrigo é personagem da Var-

Palmares, no roubo do cofre milionário; é participante da ALN, treinando guerrilha em Cuba; Arrigo provavelmente será Carlos Marighella, que em meio à luta revolucionária está sempre em busca de novos amores. Arrigo mantém contato com anarquistas – de quem, como os futuros comunistas, recebeu as primeiras lições revolucionárias; conheceu Astrojildo Pereira, Everardo Dias e o brilhante grupo que deixou o partido por aderir ao trotskismo e foi militante do PCB. Muito importante a meu ver, Ridenti não toma partido dessa ou daquela organização revolucionária: respeita os ideais e as lutas de todos que batalharam por um mundo melhor em nosso país - Arrigo incorpora todos eles.

Não só de grandes lutas trata o romance. Além da humanidade conferida às personagens principais, Ridenti fala de vidas e lutas de pessoas comuns, quero dizer, que participaram da vida dos revolucionários não diretamente ligadas às lutas, quase todas mulheres, como a mãe de Arrigo, suas várias namoradas e amigos e, em especial, as “andorinhas”, nome poético para as várias prostitutas que ajudaram Arrigo. Eu não considero que tais mulheres tenham tido um papel secundário na história. É evidente que o mundo de atuação de Arrigo é masculino. É masculino porque o mundo era (ainda é) masculino, e no meio revolucionário também, da mesma forma que a sociedade. Mas a mãe de Arrigo não abdicou de sua personalidade, ao contrário, deixou um marido rico e poderoso para viver com um anarquista, o tio Mário. Isso não é subalternidade, ainda mais considerando-se a época. A namorada permanente de Arrigo, Aurora, não deixou sua vida para ser um complemento de seu companheiro. E as andorinhas arriscaram suas vidas – algumas a perderam – por uma escolha de ajuda ao revolucionário. Isso também não é subalternidade.

Outro aspecto importante do romance, e bastante histórico, embora muito negligenciado, é a humanidade das personagens. Não vivem só de grandes ideais e grandes lutas e enfrentamentos da repressão. Têm muitas falhas humanas comuns, e, inclusive, não se esconde a falta de caráter de um dirigente revolucionário. Principalmente, e bem destacados, são os conflitos que os revolucionários vivem dentro de sua militância: o enfrentamento do stalinismo, a luta fratricida entre stalinistas e não stalinistas na Guerra Civil Espanhola, luta que assassinou Alberto Besouchet, os erros crassos do partido. O que fazer? A crítica era censurada e, embora reconhecendo os erros, sair do partido seria abandonar o significado de suas vidas.

Sobre a luta entre stalinistas e não stalinistas, na Espanha, um dos melhores momentos do livro – vou deixar que os leitores o busquem – é a atitude de Diana em relação a “Pepe”, o enviado de Moscou.

O livro, de história romanceada, tem algumas passagens misteriosas, fantásticas, mas seu relato é um relato fiel do período da História do Brasil de que trata. É importante que o livro seja lido, em especial pelos jovens. No dizer do autor em recente palestra, que os jovens conheçam nossa história e valorizem as lutas progressistas travadas no país por tantos democratas de diversas perspectivas e que isso os ajude a nunca mais apoiar adeptos da ditadura e da tortura.

Arrigo, que vem interessado na política desde 1917 e lutando desde sempre, chega a 1964 e toma conhecimento das bárbaras torturas nos porões da ditadura e sofre pela perda de amigos assassinados e desaparecidos. Também tem que exilar-se e refletir sobre tantas lutas e tantas derrotas. Ao voltar ao Brasil, depois da anistia, alguém lhe pergunta se tanto sacrifício, tanto sofrimento e ser derrotado, valeu a pena. Valeu.

*A luta continua.*